

## Hannah Arendt e “A Crise na Educação”. Um texto essencial na Formação Inicial de Professoras(es) de Geografia Hannah Arendt and “The Crisis in Education”. An essential text in the Initial Training of Geography Teachers

Fátima Velez de Castro

Universidade de Coimbra, Departamento de Geografia e Turismo, RISCOS  
velezcastro@fl.uc.pt  
<https://orcid.org/0000-0003-3927-0748>

Há um texto que me parece fundamental e que merece ser lido ainda hoje, não obstante da data da sua publicação. Trata-se d’ “A Crise na Educação”, da autoria da filósofa Hannah Arendt, publicado pela primeira vez em 1957 na *Partisan Review*, em Nova York, com o título original “The Crisis in Education”. Já vai longínqua a década de 50 do séc. XX, afastamento este reforçado pelos preceitos académicos, que tanto exortam à consulta e referenciação da vanguarda das publicações científicas. Todavia, este texto merece ser lido, quer pela sua atualidade, quer pela conceção filosófica do valor da Educação no mundo, que fundamenta a necessidade de uma Escola de qualidade e de uma Formação Inicial de Professoras(es) sólida, com a profundidade pedagógico-didática que merece. A isto acresce a necessidade de se pensar o mundo no entorno da Escola e da Educação, não apenas por uma necessidade óbvia de atualidade, mas porque à(o) Professor(a) de qualquer área, é essencial perceber o território a várias escalas, das quotidianidades comunitárias às linhas de atuação globais, que emanam da governação local, regional e nacional. “A Crise na Educação” é um dos vários textos da autora, que faz parte da obra “Entre o passado e o Futuro. Oito Exercícios sobre o Pensamento Político”, dado à estampa pela Editora Relógio d’Água, em 2016.

Hannah Arendt, nasceu em Linden, na Alemanha, numa família judia, a 14 de outubro de 1906. Publica este texto aos 41 anos, já depois de ter passado pelas experiências do ódio aos judeus, perpetrado pelo regime nazi; pela vivência e visão analítica da 2ª Grande Guerra Mundial; pelo refúgio que consegue nos Estados Unidos, país onde fixará residência definitiva; pela posição polémica com que olha o holocausto e o sionismo. Escreve, portanto, este trabalho, na senda do contexto sociopolítico mundial do pós-guerra, olhando para a sociedade americana e europeia com olhos paralelamente de pertença e de afastamento, de autóctone e de estrangeira em ambos os locais. É necessário ter bem presente o contexto histórico-geográfico da autora,

na hora de (re)ler este texto, pois a(o) leitor(a) vai-se deparar com uma visão territorial particular, quer do ponto de vista da vivência pessoal, quer do ponto de vista da sua área de formação - a filosofia.

A autora começa por discutir a o fato da Política definir muitas vezes a dimensão da Educação, dando o exemplo dos Estados Unidos da América. Com uma matriz social multicultural, a política educativa passava pela americanização dos imigrantes, na base da ideia de saída de “um mundo velho” e de entrada num “mundo novo”. Hannah Arendt pensa esta estratégia como inconcebível, na medida em que a variedade de origens e a complexidade dos sistemas culturais nunca permitirão, na sua totalidade, a

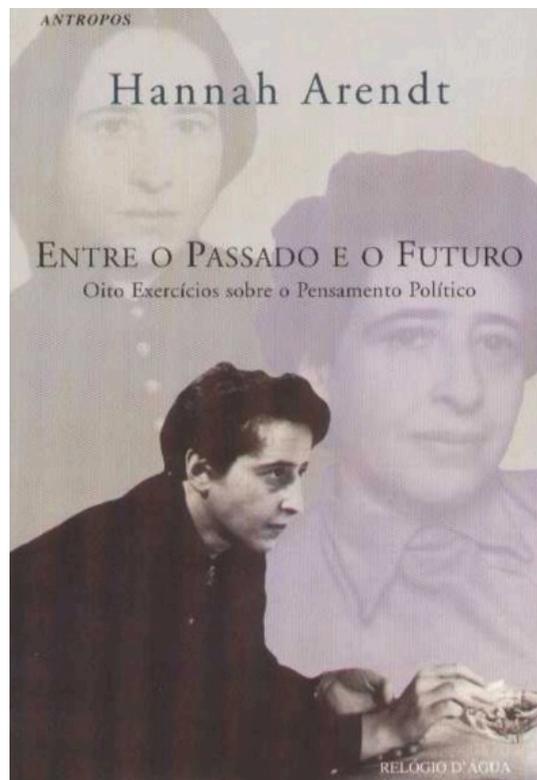


Figura 1

Obra onde está contido o texto “A Crise na Educação”, de Hannah Arendt.  
Fonte: <https://relogiodagua.pt/produto/entre-o-passado-e-o-futuro-oito-exercicios-sobre-o-pensamento-politico/> (2022).

homogeneização de uma sociedade diversa por natureza. Eu acrescento ainda a questão das diásporas e das redes sociais das comunidades imigrantes, ou seja, a atualidade das ideias da filósofa comprova-se pelo fato de a ligação aos locais de origem permanecerem através deste tipo de laços, onde as relações humanas continuam vivas entre os locais de partida e os locais de destino, já para não falar da dimensão económica (remessas) como outra forma de conexão.

Não posso deixar de pensar se já teria presente alguns dos princípios da teoria da “banalidade do mal”<sup>1</sup>, que viria a desenvolver e a apresentar, publicamente, em 1963. Decerto que as “consequências nefastas” a que se refere estão relacionadas com a incapacidade de a Escola formar cidadãos críticos, capazes de pensar sobre os seus atos e com discernimento para descodificar o bem e o mal, naquilo que a ambos concerne. Ainda neste âmbito, invoca a Educação das massas, a qual se reveste particularidades no que diz respeito à escolaridade obrigatória ou ao entendimento da meritocracia. A autora invoca diferentes realidades geográficas, enfatizando as diferenças entre os Estados Unidos da América, com a lógica de igualdade e nivelamento de classes, e do Reino Unido, com um modelo altamente seletivo. No fundo, creio que Hannah Arendt entende a Educação como uma forma de *softpower* ao dispor dos Estados, cujas visões políticas materializam estratégias diferenciadas para obter os seus fins.

Sobre a formação inicial docente, a autora destaca a importância da preparação específica, decorrente das áreas do saber em causa, nomeadamente no campo das didáticas e da pedagogia. A formação geral e uniformizada, não poderá dar resposta às particularidades disciplinares, não obstante de haver necessidade de se ir mais além. Sobre esta ideia, acrescento a necessidade de um(a) Professor(a) ser um(a) leitor(a) regular, que se interessa pela vida política, social e cultural a várias escalas, que alia os gostos pessoais, com a área científica e com a arte, de maneira a se tornar alguém que procura, incessantemente, saber mais e melhor.

Sobre a dimensão estudantil, Hannah Arendt reflete sobre uma questão muito atual, isto é, sobre a tendência de se privilegiar o “fazer”, em detrimento do “saber”, como uma progressiva sobrestimação da técnica, em detrimento do conhecimento. Também

chama a atenção para as metodologias gamificantes, em que se defende que só através da dimensão lúdica é que se aprende. A filósofa atenta na necessidade de se insistir na necessidade de se ouvir e refletir, numa lógica individual, de pares ou de grupo, assim como da importância de se consagrar tempo e espaço para a palavra, para a leitura, para a conversa. Também é necessário sair do que é real, isto é, trabalhar no campo da hipótese, da possibilidade, do “artificial”, como lhe chama a autora.

Hannah Arendt pensa também sobre a valência das áreas de atuação, referindo-se “à escola o que é da escola, à sociedade o que é da sociedade, à família o que é da família”. A autora coloca a questão da “coisa pública” e da “coisa privada”, e de como é ténue a fronteira entre o que é da responsabilidade de ser ensinado pela escola ou pelos pais/educadores. A introdução das crianças no mundo é da responsabilidade dos pais. Dar a conhecer o mundo é da esfera do professor. Ensinar, educar é uma mediação entre o antigo e o novo, entre o passado e o futuro. A função da escola é ensinar às crianças o que o mundo é, tendo em conta de que são crianças e não adultos. Mas veja-se como os horários escolares de hoje estão muito próximos daquilo que são os horários laborais e de como a filósofa, de certa forma, já antevia esta preocupação.

Veja-se como as inquietações de Hannah Arendt, são tão atuais no campo da Educação. No que concerne à Geografia, as(os) futuras(os) Professoras têm a possibilidade de refletir, tanto em questões gerais, comuns a várias áreas didático-pedagógicas, como também numa dialética espaço-temporal, que exorta a pensar os assuntos a várias escalas, desde a local à global, e em diferentes realidades sociogeográficas (América e Europa). Trata-se de um texto essencial, a ser lido por todas e por todos os que trabalham no Ensino, que ajuda inclusive a pensar a profissão: “A educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele.” (Arendt, 2006, p. 206). Queremos, pois, assumir esta responsabilidade?

## Bibliografia

Arendt, H. (2006). *Entre o passado e o Futuro. Oito Exercícios sobre o Pensamento Político*. Lisboa: Relógio d'Água.

<sup>1</sup> Arendt, H. (2017). *Eichmann em Jerusalém. Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Itaca.